

Santos, Laymert Garcia dos. *Alienação e capitalismo*, São Paulo, Brasiliense, 1983. 97 pp.

Laymert Garcia dos Santos, professor no Departamento de Jornalismo da PUC (São Paulo) e no Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Educação da Unicamp, produziu um pequeno ensaio acerca do tema alienação nas sociedades capitalistas contemporâneas. Após uma pequena introdução, em que procura situar os diferentes significados da palavra *alienação* (no sentido jurídico do termo, bem como em seus aspectos psíquicos e políticos), o autor afirma que "alienar é (...) transferir para outrem o domínio de, é tornar alheio" (p. 10). Apesar dos vários sentidos da palavra, atualmente, quando se fala de alienação, pretende-se significar "falta de consciência dos problemas políticos e sociais. O que o alienado perde aqui é a chave da compreensão da sociedade em que vive, isto é, dos mecanismos e fatores que o colocam numa determinada posição na sociedade e que produzem, inclusive, a sua própria percepção dessa posição" (p. 11).

Nesse sentido, torna-se necessário estabelecer uma distinção entre o alienado e o alienado mental, pois apesar de parecer sutil, essa distinção é fundamental para a compreensão do problema. Na verdade, as duas expressões falam de problemas diferentes: "o alienado mental fica fora de si, o alienado deixa de se pertencer; o alienado mental torna-se o outro, o alienado torna-se coisa; o alienado mental, o louco, é uma interrogação permanente sobre o sentido das coisas", enquanto que o alienado "é escravo das coisas e dos progressos da humanidade que se voltam contra ele; o alienado mental (diz-se) é vítima de sua estrutura psíquica, o alienado é vítima de condições externas (econômicas, políticas e sociais); o alienado mental é arrebatado, o alienado é despedaçado" (p. 11).

Após estas distinções, Laymert, escreve que, a partir do século XIV, a noção de *alienação do espírito* inscreve-se na língua para designar esse fenômeno individual que é o processo de enlouquecimento. Entretanto, é no século XIX que a palavra alienação acaba sendo convocada para a nomeação de um fenômeno social, o que Marx chama de *patologia industrial*. A partir daí, Laymert se faz a seguinte pergunta: "Que sociedade é essa, em que o próprio modo de produzir coisas produz, simultaneamente, alienação em todos os que nela vivem — como um mal incurável?" (p. 12). Levantar essa questão é, para o autor, interrogar a base da sociedade capitalista, é acompanhar o itinerário de Marx, aquele que, num mesmo movimento, "revelou a essência do capitalismo — a mercadoria —, e mostrou que a alienação ancorava-se em seu cerne". Assim, a razão de ser desse livro, seu fio condutor "é o modo como o filósofo alemão considera a alienação". Para tanto, ao invés de refazer todo o itinerário de Marx, Laymert optou por "procurar nele e valorizar algumas balizas, alguns pontos de referência que nos permitam compreender suas formulações do problema. Como numa viagem, vamos reter apenas alguns momentos fortes. Como numa viagem, vamos partir de onde tudo começou, isto é, do delírio hegeliano, deter-nos no materialismo contraditório de Feuerbach e na identificação de Marx com o pensamento desse filósofo, para depois, atravessando uma linha irreversível, caminarmos até o país do capital e sua realidade. Só então, reconhecendo o território que Marx demarcou para nós, procuraremos indagar de novo se a separação entre alienação mental e alienação contínua pertinente. Dois teóricos contemporâneos, Deleuze e Guattari, que já se ocuparam com o assunto, garantem-nos: o capitalismo e a esquizofrenia andam de mãos dadas" (p. 12).

Assim, após a já mencionada introdução bem curta, o autor examina o tema da alienação em Hegel, em Feuerbach e em Marx (dedicando-se às alienações nos *Manuscritos de 1844*, em *A ideologia alemã*, e em *O*

*capital*, privilegiando o capítulo A mercadorial). Finalmente, na conclusão, Laymert vale-se principalmente do célebre trabalho de Deleuze e Guattari, *L'antioedipe* (entre nós *O anti-Édipo*, publicado pela Editora Imago).

Laymert afirma que muitos estudiosos utilizam o conceito de alienação "no sentido marxista do termo", como se houvesse apenas e tão somente um sentido marxista de alienação; como se "na pena e na cabeça de Marx alienação fosse sempre o mesmo conceito, significasse sempre o mesmo processo, sempre analisado segundo o mesmo referencial e a mesma lógica" (p. 31). Chama ainda a atenção para o fato de que, ao tratar da alienação, Marx provocou uma diversidade de leituras e interpretações entre autores que, de uma ou de outra maneira reivindicam Marx como principal fonte de suas elaborações teóricas (p. 31). Assim, Lukács, Marcuse, Giannotti, Bedeschi e Lefort, entre outros, são mencionados por Laymert. De acordo com ele, "há, por exemplo, os pensadores que invocam sua filiação marxista mas são na verdade hegelianos — como George Lukács em seu célebre artigo sobre a reificação e a consciência do proletariado ou, ainda, como o filósofo alemão Herbert Marcuse. Há também os teóricos que, apesar de diferenças abissais na interpretação, operam uma ruptura entre o jovem Marx e o Marx adulto, e pensam o tema da alienação segundo essa quebra — como Louis Althusser e José Arthur Giannotti. Há, por outro lado, os que vêem uma continuidade entre a teoria da alienação no jovem Marx e a teoria do fetichismo das mercadorias elaborada n' *O Capital* — como Giuseppe Bedeschi" (p. 31-2). Analisando as concepções de Claude Lefort, Laymert sustenta que para o filósofo francês, a alienação "não é um estado em que o indivíduo ou a sociedade podem entrar e sair, mas um fenômeno irredutível do processo social; a alienação não estaria então na cabeça dos homens, mas na própria realidade que o capitalismo cria e desenvolve, é indissociável dela, é também essa mesma realidade; o capitalismo

seria precisamente um modo de produção que é modo de produção da alienação, tornando assim impossível a separação entre o real e suas expressões imaginárias; contradição inescapável, incontornável, que fez do próprio marxismo um momento de uma sociedade de alienação" (p. 32; grifado no original).

O conceito de alienação aparece em três momentos da obra de Marx. Num primeiro, ele se separa do velho mestre, fazendo a crítica de Hegel, estando isso configurado nos *Manuscritos de 1844*. "Mas a violência da separação não é suficiente para um acerto de contas definitivo: Marx pensa *contra* Hegel... pensando no entanto *dentro* do sistema hegeliano — porque pensa *com* Feuerbach." Laymert prossegue afirmando que nos *Manuscritos*, Marx procura matar Hegel, mas está ainda permanece vivo dentro dele. "E, por isso mesmo, talvez não fosse exagero considerar a trajetória que vai da *Crítica à filosofia do direito*, de Hegel à *Ideologia alemã*, passando pelos *Manuscritos*, como o processo que Freud chamou de 'trabalho do luto'" (p. 33; grifos do original). Nesse processo, para Marx, a filosofia de Hegel já não existe mais como verdade: "Marx perdeu a afeição pelo mestre, mas os laços com o objeto aniquilado continuam presentes no esforço para despregar-se do mestre e assumir a realidade da perda, na agressividade para com o 'morto', no tempo e na energia que investe em sua crítica. Trabalho do luto que se realizará integralmente quando Marx acabar 'matando o morto', libertando-se a um só tempo de Hegel e de seu Outro, Ludwig Feuerbach. Nesse sentido, a *Ideologia Alemã* marcaria o segundo momento, o momento em que se consuma a realidade da separação e, em se tratando de uma separação da lógica hegeliana, a própria possibilidade de começar a entrever a realidade. Finalmente, foi escolhido como expressão do terceiro momento o primeiro capítulo d'*O Capital*, intitulado 'A Mercadoria'. Vale dizer: momento de esplendor em que, inventando um novo método, Marx circunscreve a estrutura da alienação capitalista" (p. 33).

Ao invés de comentar mais detalhadamente os capítulos aos quais me referi brevemente nos parágrafos

anteriores, gostaria de me concentrar no capítulo final do trabalho de Laymert, onde se estabelece a relação entre capitalismo e esquizofrenia.

Como se sabe, a força de trabalho é a mercadoria fundamental que o capitalista irá comprar para revendê-la depois, sob a forma de produtos. Entretanto, para que a força de trabalho se ofereça no mercado como mercadoria, são necessárias, digamos assim, três "condições":

. que seja vendida pelo seu próprio possuidor, o que significa que ele é proprietário da própria pessoa;

. que essa pessoa seja obrigada a vender sua força de trabalho, porque não vender as mercadorias em que seu trabalho se realiza;

. finalmente, como qualquer mercadoria, a força de trabalho também tem um valor e, como todos os outros, o seu valor é o tempo de trabalho necessário para a sua produção. O valor da força de trabalho é o valor do tempo de trabalho necessário para a produção de seus meios de subsistência, sendo esse valor sempre inferior ao valor produzido pelo trabalhador em sua jornada de trabalho. De acordo com Marx, "o consumo da força de trabalho é ao mesmo tempo produção de mercadorias e de mais-valia" (p. 87).

Nesse sentido, foi dado mais um passo em direção à concretização da abstração enquanto tal. Seguindo outras formas teorizadas por Marx, observa-se que elas vão "traçando o movimento de realização da abstração. Essa me parece ser a contribuição essencial d'*O Capital*, o nervo da obra" (p. 88). É precisamente a análise da mercadoria, a teorização de um movimento real — "o movimento de realização do fetiche enquanto fetiche — que liquida de vez a dialética da consciência. E é a partir dessa descoberta feita por Marx, tomando-a como dada, que Gill, Deleuze e Felix Guattari vão poder estabelecer, no livro *O anti-Édipo — capitalismo e esquizofrenia*, a relação entre a dinâmica do capital e a dinâmica da esquizofrenia" (p. 88).

O movimento do capitalismo é produção de mercadoria. E, como produção de mercadoria, produção

de artifício, de fetiche. Nesse sentido, "quanto mais produz artifício, mais o capitalismo inscreve a abstração na realidade, que dizer, na sociedade (...). O motor do capitalismo é realização da abstração enquanto tal, capital se reproduzindo, dinheiro gerando dinheiro, valor gerando mais-valia. Ora, esse mecanismo social que até agora chamamos de movimento de concretização da abstração enquanto tal é o que Deleuze e Guattari nomeiam movimento de desterritorialização, de decodificação, promovido pelo capital" (p. 88).

De acordo com Deleuze e Guattari, a tendência do capitalismo é justamente a de decodificar tudo o que vai encontrando pela frente, desterritorializar tudo, isto é, "dissolver o sentido que se atribuía anteriormente às pessoas, às coisas, aos valores, para colocar em seu lugar o valor, quantidades abstratas de riqueza e de trabalho, para fazer com que o artifício gane corpo" (p. 88-9).

Explorando as pegadas de Marx, Deleuze e Guattari revelam que o movimento constante do capitalismo, como desterritorialização, como decodificação, é também um movimento de desindividualização. Ou seja, "a própria noção de individualidade, daquilo que nos dá uma identidade e a certeza de que somos únicos e singulares, vai ser corroída; pois o capitalismo desmantela o sentido do que costumamos chamar 'as pessoas'" (p. 89).

Decodificando, desterritorializando, inscrevendo o abstrato no real: assim prossegue o capitalismo. "No coração do *Capital*, Marx mostra o encontro de dois elementos 'principais': de um lado, o trabalhador desterritorializado, transformado em trabalhador livre e nu que tem de vender sua força de trabalho; de outro, o dinheiro decodificado, transformado em capital e capaz de comprá-la" (Deleuze Guattari, apud por Laymert, p. 90).

Os autores relacionam, a seguir, os vários processos de decodificação e desterritorialização que conduziram a esse resultado, quer do lado do trabalhador, como também do lado do capital. Do lado do *trabalhador* observa-se: "desterritorialização do solo através da privatização; decodificação dos meios de produção através da apropriação; privatização dos meios

de consumo através da dissolução da família e da corporação; decodificação do próprio trabalhador em favor do trabalho e da máquina." Do lado do *capital* tem-se a "desterritorialização da riqueza através da abstração monetária; decodificação dos fluxos de produção através do capital mercantil; decodificação dos Estados através do capital financeiro e das dívidas públicas; decodificação dos meios de produção através da formação do capital industrial etc." (p. 90).

A tendência fundamental do capitalismo é a desterritorialização, sendo precisamente o seu caráter desterritorializante, decodificante, que o faz esquizofrenizante (p. 92-3). Como dizem Deleuze e Guattari, "o que é o esquizofrênico senão aquele que perdeu a identidade, que não pode mais dizer *eu*? O que é o esquizofrênico senão um fluxo migratório, errante, que não reconhece um lugar, que não tem o seu lugar, que desterritorializa em todas as direções? O que é o esquizofrênico senão aquele "que passa de um código a outro, que embaralha todos os códigos num deslize rápido — como Antonin Artaud, que mistura até a genealogia: 'Eu, Antonin Artaud, sou meu filho, meu pai, minha mãe, e eu?'" (p. 93).

Desterritorialização, decodificação (do capitalismo, do esquizofrênico). Isso quer dizer, apenas, que se trata de um mesmo processo, mas em registros diferentes, ou seja, "registro do capital ao nível do social" e "registro do esquizofrênico ao nível do desejo" (p. 93). Para os pensadores franceses, a esquizofrenia "é a produção desejante como limite da produção social". Nesse sentido, o esquizofrênico seria, portanto, aquele que sente com toda a violência a intensidade do processo. "A sociedade capitalista é desterritorializadora, decodificadora, e por isso mesmo os autores dirão que é esquizofrênica ao nível de sua infra-estrutura: 'Nossa sociedade produz esquizofrênicos como xampus Dop ou carros Renault, com a única diferença que eles não são vendáveis'" (p. 93).

Enquanto "doença mental", sabemos, a esquizofrenia é incurável. O esquizofrênico (já se desterritorializou, decodificou-se inteiramente) encontra-se no limite do capitalismo. Como escrevem Deleuze e Guattari,

"o esquizofrênico é a tendência desenvolvida, o superproduto, o prole-tário e o anjo exterminador do capitalismo. O esquizofrênico é o limite absoluto do processo de desterritorialização do capitalismo, um processo irreversível" (pp. 93-4).

Deleuze e Guattari ponderam que, ao afirmarem ser a esquizofrenia a nossa doença, a doença da nossa época, "não se quer dizer apenas que a vida moderna deixa louco. Não se trata de modo de vida, mas de processo de produção (...). De fato, queremos dizer que o capitalismo, em seu processo de produção, produz uma carga esquizofrenizante formidável sobre a qual ele descarrega todo o peso de sua repressão, mas que está sempre reproduzindo como limite do processo. Pois, o capitalismo está sempre contrariando, inibindo sua tendência, ao mesmo tempo em que se precipita nela; está sempre repelindo o seu limite, ao mesmo tempo em que tende para ele. O capitalismo instaura ou restaura todos os tipos de territorialismos residuais e factícios, imaginários ou simbólicos, nos quais tenta, bem ou mal, recodificar, tampar as pessoas derivadas das quantidades abstratas (...). Quanto mais a máquina capitalista desterritorializa, decodificando e axiomatizando os fluxos para deles extrair a mais-valia, mais seus aparelhos anexos, burocráticos e policiais reterritorializam na marra, absorvendo ao mesmo tempo uma parte crescente de mais-valia" (p. 94).

Laymert Garcia dos Santos termina seu livro ponderando que nesse momento se observa a união da alienação social com a alienação mental de maneira paradoxal. Isto porque o esquizofrênico — "precisamente aquele que leva ao nível individual o processo social até as últimas consequências" — será apontado, entre todos os alienados mentais, como "o alienado por excelência", porque ele é "a recusa viva de todas essas outras alienações que os aparelhos do Estado capitalista fabricam para convencê-lo de que ele não deriva de quantidades abstratas — valor, trabalho abstrato, mercadoria-fetichismo" (p. 94-5). Entretanto, adverte Laymert, não se pretende glorificar o esquizofrênico nem negar a sua condição de farrapo humano. Pretende-se deixar claro que "o esquizofrênico só se tor-

na esse farrapo porque se vê reduzido a testemunha única, solitária e muda de um processo universal: o processo de desterritorialização capitalista, o processo de concretização da abstração enquanto tal" (p. 95).

Afrânio Mendes Catani

Professor no Departamento de Administração da Faculdade de Educação da Unicamp.